

Health Cluster Portugal existe há um ano com posicionamento “pouco tradicional” Na senda da inovação em Saúde com carimbo nacional

Inovação parece ser a palavra-chave no Health Cluster Portugal (HCP), uma jovem entidade que pretende fazer a ponte entre o conhecimento e a prática. Com um ano de existência, o balanço é positivo, dizem os seus responsáveis que, no entanto, deixam o alerta: antes de inovar é preciso valorizar.

Por Filipa M. Ribeiro

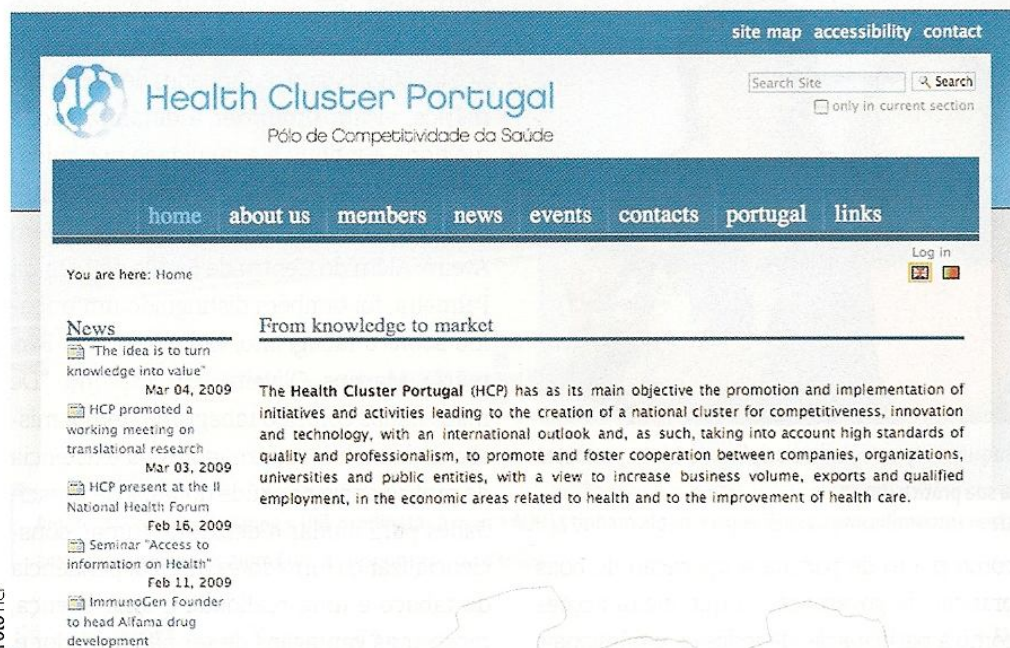


Foto HCP

“Em inovação, boa parte das apostas têm características de longo prazo. Pela frente temos trabalho, muito e de todos, cooperação onde a tradição não abunda e persistência, porque os insucessos têm que servir de elementos de motivação”, sintetiza Joaquim Cunha, director executivo do Health Cluster de Portugal.

Qualquer manual de gestão diz que a inovação de sucesso é baseada na estratégia, depende de elos de ligação eficazes internos e externos, requer mecanismos facilitadores para que a mudança aconteça e surge num contexto organizacional que a apoie. No Health Cluster Portugal (HCP), um pólo da competitividade em Saúde criado há um ano, a lição está bem estudada e acredita-se que a “cultura de inovação surge como uma consequência natural”. Quem o diz é Joaquim Cunha, director-executivo do HCP. Em entrevista à SM, o responsável admitiu que, acima de tudo, “há que mudar os paradigmas vigentes da valorização do conhecimento”, pois, na Saúde, apesar da qualidade da ciência produzida, “é baixo o seu resultado em termos de valorização”.

Para Joaquim Cunha, a forma como surge a inovação em Saúde é inseparável da criação de valor, “quer este seja materializado em novos produtos, processos e terapias competitivos à escala global quer em melhorias para a qualidade e bem-estar do doente”.

O HCP nasceu como um *player* competitivo na investigação, concepção, desenvolvimento, fabrico e comercialização de produtos e serviços associados à Saúde, em nichos de mercado e de tecnologia seleccionados. Esse papel concretiza-se, na opinião de Joaquim Cunha, se o HCP for “capaz de compatibilizar a sua agenda, os seus projectos e as suas iniciativas, com a dinâmica envolvente”. Por isso, garante que a postura do HCP com outras estruturas, nomeadamente os gabinetes de

transferência de tecnologia, será sempre “de total abertura e empenho na colaboração”. “Este posicionamento não será fácil e até admito que não seja tradicional, mas tenho para mim que não há lugar a alternativas”, acrescenta.

Amadurecimento e entusiasmo

Per Belfrage, vice-presidente do HCP, elogia o entusiasmo dos intervenientes no HCP. “Vejo esse entusiasmo porque trabalho com as pessoas. A questão que se coloca é: porque é que mostram esse entusiasmo? Não sei, mas acho que, em parte, isso se deve ao facto de se terem apercebido que Portugal era, até há um ano, uma das poucas nações que não tinha uma organização com a natureza de um cluster de Saúde”, disse. Todo o projecto do HCP ainda está em amadurecimento, mas até agora todos os sinais são positivos, opina o perito sueco. “Começámos quase do zero e continuo a assistir ao crescimento de todos os indicadores. Ainda não vi nenhuma curva do gráfico a descer. No HCP, as pessoas não estão interessadas em estagnar”, garante.

Também Joaquim Cunha destaca o percurso feito até aqui. “É de inteira justiça reconhecer o longo caminho e o esforço que, de uma maneira geral, as instituições do sistema científico nacional percorreram e realizaram, nos últimos anos, no sentido de uma aproximação madura ao mundo empresarial, assente em conceitos de racionalidade e eficiência. Também do lado empresarial merece nota o esforço de modernização e de melhoria generalizada, designadamente ao nível das qualificações dos seus recursos humanos.

Há ainda muito caminho a percorrer, mas estou convicto que uma iniciativa com as características e os objectivos do HCP só mereceu a adesão de um tão elevado e abrangente número de entidades [84], porque nos anos mais recentes o perfil do País, neste domínio, observou uma evolução muito positiva”, assinala.

Obstáculos a superar

Para Paula Sousa Pais, autora de uma tese de mestrado sobre os factores críticos e contextos das relações entre universidades e empresas, e gestora no gabinete de tecnologia da Universidade de Aveiro, “a falta de maturidade do sistema científico e tecnológico nacional e algumas falhas, hoje identificáveis, ao nível da definição das suas políticas, fragilizaram o sistema de inovação português, que permanece algo apático, de- notando uma incompleta integração e interactividade das partes que o constituem”. Por outras pa-

lavras, os discursos que existem em torno da inovação e da cooperação com as empresas como forma de conferir competitividade e competências acrescidas às universidades “são diferentes dos processos operacionais”, opina a investigadora.

“No Health Cluster de Portugal, as pessoas não estão interessadas em estagnar”, disse Per Belfrage

Captar os melhores

Para mudar esta realidade urge combater a dissipação de recursos. “É um desperdício termos cientistas de topo, financiados pelo sistema científico nacional e, depois, não os podemos usar. Temos de encontrar os melhores. A forma é semelhante ao que acontece no desporto. Os investigadores deviam ter garantias para períodos de cinco anos e, após avaliação, poderem

continuar o seu trabalho. Fizemos isso na Suécia há uns anos e resultou”, nota Per Belfrage. O responsável sublinha ainda outro entrave à inovação: o tempo que as universidades levam a mudar. Belfrage defende uma maior profissionalização

dos processos, ainda que “essa profissionalização custe dinheiro e esse é o outro grande obstáculo em Portugal”, afirma.

Maria João Queiroz, consultora na empresa Eurotrials, uma das associadas do HCP, menciona outra dificuldade à inovação em Portugal: o ainda imaturo sistema de patentes. “A propriedade industrial é um desafio que tem de ser abordado logo no início de um processo I&D e não apenas no final”, alerta. Neste ponto, Joaquim Cunha é optimista. “Os números referentes aos pedidos de patentes por parte de entidades nacionais, incluindo as da área da Saúde, não estão ainda ao nível dos de outros países mais adiantados nestas realidades, mas têm vindo a crescer. Esse crescimento deve-se à visão de diversas (ainda não muitas, é certo) instituições do sistema científico e tecnológico nacional e, sobretudo, de empresas que decidiram investir na protecção das suas invenções”, congratula-se. No entanto, recorda, estes processos exigem um significativo investimento, nas suas diferentes fases, que nem todas as entidades poderão suportar. “O HCP está atento a esta questão e a estudar possibilidades de apoiar os seus associados neste domínio, temática sobre a qual esperamos muito brevemente poder dar notícias”, adiantou.

PROJECTOS E INTENÇÕES



HCP

Segundo Joaquim Cunha, neste primeiro ano de actividade e de arranque do HCP foi dada particular atenção à operacionalização das bases organizacionais e ao lançamento das primeiras iniciativas. O responsável salienta, em particular, todo o processo de preparação, estruturação e elaboração da candidatura ao reconhecimento enquanto pólo de competitividade. “As acções do HCP visam contribuir para a criação de um ambiente de cooperação e de ‘coopetição’ (cooperation, no termo em inglês) entre os seus associados, que seja gerador e indutor de projectos que visem o desenvolvimento de novos produtos ou processos”, disse.

Dessa forma, o HCP agrupa as iniciativas já iniciadas, as que estão em lançamento e as que ainda estão a ser trabalhadas, em três grandes áreas-âncora: investigação de translação, transferência de tecnologia e promoção internacional & *networking*. Apesar destas serem iniciativas de carácter horizontal e abrangente, existem exemplos mais específicos, nomeadamente “a inventariação do potencial existente; a promoção do mútuo conhecimento entre os associados; a recolha e difusão de informação (o que e como se faz noutros países), a criação de condições para facilitar a transferência de tecnologia, entre muitos outros”, observa.